

CEILÂNDIA

CRECHES PODEM FECHAR AS
PORTAS COM O TÉRMINO DOS
CONVÊNIOS COM O GDF

3

GOVERNO

ELIMAR NASCIMENTO É O NO-
VO SECRETÁRIO-ADJUNTO DA
SEMATEC

4

CIDADES

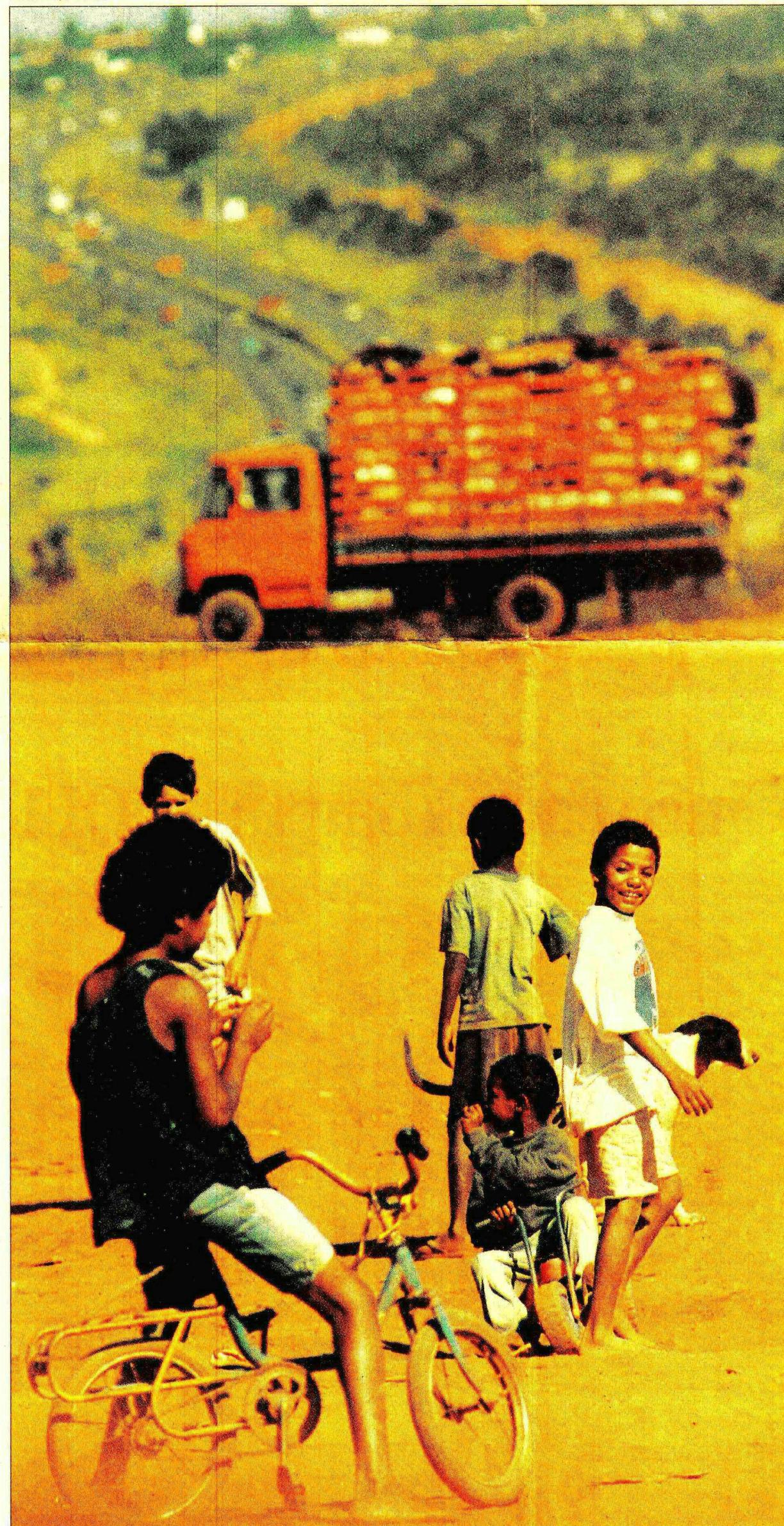
CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quarta-feira, 8 de maio de 1996

Meteorologia diz que fenômeno não está ocorrendo fora de época, mas população sente os efeitos da baixa umidade do ar

E A SECA ^{DF - Dima} CHEGOU

Fotos: André Corrêa



A queda na umidade relativa do ar tem sido sentida, principalmente nas invasões e nos assentamentos

Rogério Dy La Fuente
Da equipe do Correio

Desde meados de abril, a queda na umidade relativa do ar tem sido sentida, principalmente nas invasões e nos assentamentos, onde a poeira toma conta da paisagem. "Parece que estamos morando no deserto. Até os pastos se acabaram e o animal fica só na ração", conta o carroceiro Genilson Félix de Souza, 35 anos, morador da Estrutural. "Na verdade, o que chegou um pouco mais cedo este ano foi o frio. A umidade tem ficado em níveis toleráveis, em média 30%. O que causa maior desconforto é a combinação das baixas temperaturas com baixos índices de umidade no ar", explica Luiz Cavalcanti, do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET).

Segundo o meteorologista, este ano ocorreu o fenômeno La Niña — o esfriamento das águas da região tropical do Oceano Pacífico — que favorece a chegada de frentes frias no Brasil.

"É provável que tenhamos um inverno rigoroso e bastante seco em todo o Centro-Oeste, como foram os dos anos de 1975 e 1985", conta Cavalcanti.

O carroceiro Genilson, que afirma ser morador da Estrutural há quatro anos, tem cinco filhos pequenos. E as crianças são alérgicas à poeira. "Quando começa a seca, os meninos se acabam. Eles já estão com feridas no corpo, cheios de coceira, e passam a maior parte do tempo grilados", relata o pai. O que mais sofre com os males da seca é Silas, de dois anos. "Ele tem ataques de falta ar e volta e meia a gente precisa correr com ele para o Hospital de Taguatinga. O menino vive ranhento e, na secura que está fazendo, se machuca tentando limpar o nariz."

INVERNO

"O que as pessoas têm dificuldade de assimilar é que ocorrem flutuações no clima de um ano para o outro. Isto não significa que o clima no DF está mudando definitivamente ao longo dos anos", conta Luiz Cavalcanti. Ele cita os mais baixos índices de umidade no ar já registrados desde 1969.

"O recorde foi obtido nos meses de setembro e outubro de 1994, quando registramos o índice de 11%. Em 1985, que teve um inverno como deverá ser o próximo, o menor índice de umidade foi registrado em junho e foi de 13%", demonstra.

Este ano, o mais baixo índice de umidade relativa do ar registrado em Brasília foi de 31%, às 14h do dia 25 de abril. "Não existe uma estimativa ou mesmo expectativa de que este ano se quebre o recorde de baixa umidade. A seca começa para valer agora na segunda quinzena de maio e vai até meados de setembro. Não descarto a possibilidade de que chuvas possam voltar a ocorrer nes-

te período" revela Luiz Cavalcanti.

O meteorologista derrubou também um mito criado no mercado imobiliário do DF. As regiões mais próximas ao Lago Paranoá não têm índices de umidade do ar muito maiores que as conhecidamente mais secas. "Ano passado promovemos uma pesquisa juntamente com a Defesa Civil em Sobradinho, Santa Maria, Cruzeiro e no Lago Norte. A maior variação entre os índices encontrados foi de três pontos percentuais, o que é praticamente imperceptível para as pessoas", declarou Luiz Cavalcanti.

DOENÇAS

Para os pediatras da cidade, já es-

tão sendo sentidos os efeitos da seca nos atendimentos realizados. "As doenças respiratórias já são responsáveis por praticamente a metade dos atendimentos do pronto socorro pediátrico", contou a médica Teresa Cristina Lago, chefe da emergência de pediatria do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS). O hospital atende, em média, 250 crianças por dia na emergência.

Segundo Teresa, o aumento no atendimento das doenças respiratórias como gripes, pneumonias e bronquites começo habitualmente no mês de fevereiro, mas como este ano houve a greve dos médicos, o impacto no HRAS foi sentido em março. "Antes da greve atendíamos

em média umas 150 crianças, o número cresceu consideravelmente", afirmou.

O efeito da baixa umidade, entretanto, não está sendo sentido apenas pelas crianças. Minervino Maranhão, de 44 anos, conveniado da Novacap, trabalhava ontem, ao sol de meio-dia, na capinação do canteiro atrás da SAB da EQS 406/407.

"Essa secura dá dor de cabeça. Depois do trabalho a gente fica esgotado", contou. Tanto os médicos, quanto o próprio serviço de meteorologia desaconselham a realização de atividades de grande esforço físico quando os índices de umidade do ar ficam abaixo de 20%.

CUIDADOS

Prevenir e amenizar os males causados pela baixa umidade não sai barato. A compra de um Kit Seca pode chegar a custar mais de R\$ 155.

■ Umidificador — Segundo o balconista Genival Medeiros da Silva, da Drogaria Santa Marta, da 102 Sul, nos últimos dias a procura por equipamentos de combate à seca tem aumentado. "O modelo da moda entre os umidificadores é o que gera vapor frio e custa, em média, R\$ 130", revela. Segundo ele, algumas pessoas não compram porque acham caro demais e substituem o equipamento por um vaporizador tradicional, vendido por R\$ 30.

■ Nebulizador — Para pessoas com problemas respiratórios a compra de um nebulizador, também chamado de inalador, é indispensável. O modelo convencional, com compressor a ar, custa em média R\$ 80. "Se a pessoa não quiser barulho em casa, pode comprar um nebulizador ultrassônico, que custa R\$ 8 a mais", propaga Edmilson Freire, da Drogaria Distrital, também na 102 Sul.

■ Hidratante — Por ser mais exposta, a pele é uma das primeiras partes do corpo a sentir os efeitos da seca. Uso de cremes ou loções hidratantes é a alternativa encon-

trada para amenizar os males causados pela baixa umidade não sai barato. A compra de um Kit Seca pode chegar a custar mais de R\$ 155.

■ Manteiga de cacau — A prevenção dos lábios rachados, comuns nos períodos de seca, pode ser feita com o uso de batom de manteiga de cacau. "Essa é a parte mais barata. Cada batom custa apenas R\$ 0,29", diz Edmilson.

■ Descongestionante nasal — Utilizados para desobstruir as narinas, o mais comum é o soro fisiológico. Uma embalagem de 250 ml custa R\$ 1,20, uma de 500 ml pode ser comprada a R\$ 1,60. "Quem usa soro fisiológico tem de comprar também um aplicador com conta-gotas, porque as embalagens não são adaptadas", ensina Genilson. Entre os descongestionantes produzidos por laboratórios os mais conhecidos são o Adinax, Sorine e Rinosoro, de R\$ 1,85 a R\$ 4,20.

Telefones: Drogaria Santa Marta — 223-3514, Drogaria Distrital — 226-1415